

A UFPA
E A FORMAÇÃO
DO PROFESSOR-HISTORIADOR

Márcio Couto Henrique*

Resumo: *o artigo discute o processo de formação de professores de História na Universidade Federal do Pará (UFPA), marcado inicialmente pelo dilema de formar professores ou formar pesquisadores, e apresenta a experiência do projeto de extensão: Quintas de História e Educação, realizado no curso de História da UFPA com vistas à melhor preparação dos alunos para o exercício da licenciatura.*

Palavras-chave: *formação de professores, História, Universidade Federal do Pará*

OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR-HISTORIADOR

Como vários outros historiadores, minha decisão de prestar vestibular para História foi influenciada por um professor da disciplina, num extinto curso pré-vestibular de Belém. O exercício constante da crítica, a articulação entre os fatos, a oratória que insuflava força e veracidade eram coisas que me impressionavam. Como essas habilidades eram mais visíveis nesse professor do que naqueles de outras áreas, eu acabava associando tais características com o ofício de historiador, imaginando ser daquela maneira que os professores de História saíam da universidade.

Depois do ingresso na universidade (1993), lembro dos comentários de amigos dizendo: “legal, você vai saber tudo sobre a História, saber tudo o que aconteceu em qualquer lugar do mundo”. Bastaram poucas aulas para todas essas impressões desabarem! Lembro também que das primeiras coisas que ouvi nas aulas da graduação foi que não estávamos ali para aprender a dar aulas ou aprender a ensinar

história. Em seguida, vinha a costumeira distinção entre história e historiografia, com a revelação de que a maior parte de nosso tempo na universidade seria dedicado a essa última.

Dada minha impossibilidade de apenas estudar, como gostaria, logo me vi em sala de aula repleta de alunos. As mãos suadas e frias, as pernas trêmulas, a voz engasgada, o frio na barriga, o peso no pescoço que não permite levantar a cabeça e encarar os alunos por muito tempo, o terrível medo de “dar um branco” são coisas que fazem de qualquer primeira aula experiência dolorosa e inesquecível. Hoje penso: ainda bem que os alunos sobrevivem a isso!

Aos poucos fui compreendendo a distinção entre o lugar da história e da historiografia no espaço acadêmico e, passado o susto inicial, logo me vi apaixonado pelos debates historiográficos. Aqueles aspectos que a muitos deixavam atônitos a tal ponto de desistirem do curso eram exatamente o que me fascinava na História. Quais são as fontes, os conceitos, o argumento central, como o texto é construído, com quem o autor dialoga? Todas essas questões me mostravam que o exercício do historiador era muito mais complexo e apaixonante, pois implicava em nova maneira de enxergar e pensar o mundo. Mas também percebi que aquele professor que havia me inspirado no pré-vestibular não necessariamente era resultado da formação que recebeu na universidade.

Era consenso entre os alunos a percepção de que não havia conexão entre as duas dimensões da graduação que ora cursávamos: licenciatura e bacharelado. Se, por um lado, era crescente e instigante o debate das questões historiográficas, por outro, muito pouco se refletia sobre as possibilidades de transpor esse conhecimento para as salas de aula do então chamado 1º e 2º Graus (hoje Ensino Fundamental e Médio). A insatisfação dos discentes pode ser visualizada em matéria publicada no jornal dos estudantes de História da UFPA da época, o *Ampulheta*. Depois de reconhecer os méritos do bacharelado, perguntava o articulista:

Mas e a licenciatura? Será que está havendo uma preocupação no sentido integrar os avanços no campo do bacharelado com a prática docente futura (de muitos já é presente) dos alunos? A experiência tem mostrado que não. Da forma como se encontra o curso hoje, tem-se a impressão de que licenciatura e bacharelado são dois momentos desconectados entre si, tal a distância

entre os dois. Isso acaba por gerar uma verdadeira crise nos alunos, principalmente naqueles cujo objetivo maior é a prática docente e não a pesquisa. Por outro lado, muitos alunos acabam criando aversão às disciplinas pedagógicas, sem compreender a importância delas para a formação do historiador.

Sejamos realistas, a grande maioria de nós sairá daqui para a sala de aula e sem a devida formação pedagógica seremos como professores alienígenas que não conseguem estabelecer diálogo em virtude de sua linguagem demasiadamente técnica e, por extensão, incompreensível para os alunos (O PROFESSOR ALIENÍGENA, 1997, p. 1).

Nos últimos anos, várias medidas foram adotadas pela Faculdade de História (Fahis) no sentido de implementar projetos didático-pedagógicos que melhorem a formação acadêmica dos alunos. Dentre essas medidas, destaque-se a criação do grupo de Ensino de História, ligado ao Núcleo do Pará da Associação Nacional de História (Anpuh), com o objetivo de estabelecer e aprofundar a relação entre os professores da Faculdade de História da UFPA com aqueles ligados à rede pública e privada de ensino do Pará.

Da mesma forma, cite-se a reestruturação da proposta curricular do curso de História, que fez com que a ementa de várias disciplinas específicas contemplasse necessariamente os debates historiográficos, o estudo de processos históricos específicos associados à análise das abordagens teóricas e metodologias encontradas no ensino, além da análise dos diversos materiais didáticos e das práticas avaliativas. Se hoje não é possível dizer que todos os professores da Fahis contemplam tais discussões durante suas aulas, o fato delas serem previstas nas ementas constitui avanço significativo, na medida em que permite aos alunos reivindicar seu cumprimento.

Em todo caso, deve-se registrar que vários professores da Fahis têm procurado conferir atenção maior à chamada transposição didática do saber produzido na academia, apesar de que essa atenção muitas vezes se restringe ao momento das avaliações. Faço uso aqui do conceito de transposição didática no sentido de Schmidt:

fazer com que o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História. Que o aluno possa entender

que a apropriação do conhecimento é uma atividade em que se retorna ao próprio processo de elaboração do conhecimento (SCHMIDT, 2005, p. 59).

Muito embora haja avanços significativos quanto à formação para a licenciatura, sabe-se que muito ainda pode ser feito no sentido de formar professores que correspondam ao perfil do egresso definido pelo curso de História da UFPA:

O graduado deverá estar capacitado ao exercício do trabalho de professor-historiador em todas as suas dimensões, o que pressupõe pleno domínio da natureza do conhecimento histórico e das práticas essenciais da sua difusão no âmbito pedagógico. Neste sentido, o curso forma o profissional da história fundamentando-se no exercício da pesquisa e em sua capacidade de produzir conhecimento, quer na escola, quer nos demais espaços onde o exercício profissional assim o exija.¹

Não por acaso, a última “Avaliação do curso de História”, realizada em 2009 por 105 alunos do *Campus* Belém, indicou como uma das principais limitações a formação deficiente para a licenciatura.

Outro dado que corrobora a insatisfação dos alunos com relação à formação para a licenciatura pode ser vislumbrado a partir de pesquisa de campo realizada no primeiro semestre de 2009, por alunos matriculados na disciplina “Seminários de História e Educação”, por mim ministrada. A ideia da pesquisa surgiu a partir da leitura do texto “Experiências de ex-alunos de História da UFF no magistério de 1º e 2º graus: uma abordagem preliminar”. Nesse texto, Mattos (1996) reflete sobre o dilema enfrentado por muitos cursos de graduação em História: formar professores ou formar pesquisadores. O autor analisa o processo de reformulação curricular ocorrido na Universidade Federal Fluminense, em 1993, no sentido de “superar esta dicotomia, assumindo que a formação do historiador-professor-pesquisador deveria pautar-se pelo princípio da indissociabilidade entre ensino e pesquisa” (1996, p. 1). Ao ministrar a disciplina “História e Educação”, Mattos organizou pesquisa junto a ex-alunos da graduação em História da UFF, visando

situar os ex-alunos contactados em relação ao sistema escolar fundamental, analisar as atividades docentes destes licenciados

– levando em conta os conteúdos programáticos trabalhados, o material didático utilizado e os problemas do ambiente escolar – e avaliar o peso relativo da formação na graduação da UFPA na prática escolar destes professores (MATTOS, 1996, p. 2).

Com base no questionário utilizado por Mattos, elaborei junto com os alunos de “Seminários de História e Educação” questionário que permitisse traçar o perfil do professor de História formado pela UFPA entre 1980 e 2005. Uma das perguntas dizia o seguinte: “A formação foi suficiente para dar aulas? () Sim () Não. Quais os principais problemas?”.²

Dos 67 professores entrevistados, 45 responderam que a formação recebida na graduação em História da UFPA não os preparou suficientemente para a sala de aula. Segundo depoimento dos profissionais entrevistados, os principais problemas da formação do professor-historiador na UFPA residem no fato de que “a graduação é mais voltada para o bacharelado”, “a graduação não prepara para o ensino básico” ou ocorre “falta de práticas pedagógicas”.

Do conjunto das respostas, sobressai a ideia de que os graduandos não devem esperar sair da universidade preparados para ministrar aulas, devendo esta habilidade ser buscada “na prática”, ou seja, depois de inseridos no mercado de trabalho. Respostas semelhantes foram encontradas por Stela de Moraes em pesquisa anterior (realizada entre 2000 e 2002), discutindo o aspecto da formação profissional do professor de História em Belém. Diz a autora: “afirmam também os professores, na sua maioria, que a prática que hoje eles têm foi ‘construção de cada um’, através de leituras, trocas de experiências com outros colegas, reflexos no dia a dia, e não fruto de uma orientação recebida na universidade...” (MORAIS, 2006, p. 288).

Todos os professores entrevistados por Moraes cursaram graduação na UFPA, entre o final da década de 1960 e o início dos anos 1990.

Em vários aspectos, o perfil dos professores egressos da graduação em História da UFPA é semelhante ao dos professores de História formados pela Universidade Federal Fluminense, conforme análise de Marcelo Badaró Mattos (1996), o que revela que muitas das dificuldades na formação dos professores são comuns em diferentes regiões do país.

Ainda que a pesquisa efetuada na disciplina “Seminários de História e Educação” tenha sido de caráter exploratório, os alunos ficaram bastante satisfeitos por terem antecipado, de forma crítica

e reflexiva, o contato com a realidade escolar na qual muitos deles certamente serão inseridos futuramente.

Em se tratando da UFPA, elemento importante para a superação das deficiências na licenciatura seria a maior utilização do Laboratório de História, espaço que surgiu a partir da necessidade de dinamizar a graduação e integrar o corpo docente, fomentando e divulgando o ensino e a pesquisa histórica. Não obstante, é evidente a carência de atividades pedagógicas que propiciem maior envolvimento entre os alunos da graduação e o referido laboratório, propiciando o debate atualizado das especificidades do trabalho do professor de História no Ensino Fundamental e Médio.

Muito embora certas habilidades para o exercício da prática docente só cheguem a ser alcançadas, de fato, com a experiência profissional, é evidente que a graduação tem papel decisivo na formação dos professores de História. A prática pedagógica não pode ser, exclusivamente, “construção de cada um”, conforme disseram os professores na pesquisa efetuada por Stela Morais. Do bom desempenho desta função depende, inclusive, a diminuição do distanciamento entre a produção acadêmica e o que se ensina nas salas de aula do ensino Fundamental e Médio.

O PROJETO QUINTAS DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

Com o intuito de contribuir para a formação do professor-historiador, elaborei o projeto de extensão Quintas de História e Educação, que funcionou entre setembro de 2009 e novembro de 2010. O objetivo do projeto era realizar atividades periódicas que contribuíssem para melhor formação dos alunos do curso de História da UFPA, no que diz respeito à formação para a licenciatura. Uma vez por mês, no Laboratório de História, realizaram-se atividades pedagógicas que capacitassem os graduandos a fazerem a transposição didática dos conteúdos adquiridos ao longo da graduação, discutindo como determinados temas poderiam ser abordados em sala de aula e que tipo de material didático poderia favorecer a compreensão dos alunos.

Na escolha das temáticas consideraram-se as discussões feitas pelos docentes da graduação em História da UFPA, bem como sugestões dos discentes. Para cada temática, convidou-se professor palestrante do Colegiado de História ou professores graduados que desenvolvessem trabalhos pedagógicos reconhecidamente interessantes nas escolas das

redes estadual, municipal e/ou particular de Belém. As atividades foram previstas para serem realizadas no espaço do Laboratório de História e o projeto contou com o apoio de quatro alunos: três bolsistas e um voluntário.

Dessa forma, pretendeu-se intensificar os princípios norteadores da formação de profissionais de História na UFPA, pautados no pressuposto da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, fazendo com que os alunos se sintam, desde cedo, parte importante desse processo. Segundo comentários dos alunos da graduação, este foi o primeiro projeto de extensão do curso de História da UFPA. Ser o primeiro projeto de extensão não constituiu motivação para a existência do Quintas de História e Educação, mas ainda que não o seja, o fato de parecer sê-lo para os alunos serve de indicativo do quanto esse tipo de iniciativa por parte da Fahis tem sido insuficiente até aqui.

Além de maior envolvimento dos graduandos com o Laboratório de História, o projeto Quintas de História e Educação pretendeu favorecer a reaproximação entre a graduação em História e a Escola de Aplicação da UFPA,³ articulando as atividades de ambas as instituições. Nesse sentido, pode-se citar a segunda sessão do projeto, A Música nas Aulas de História, ministrada pelo professor Cleodir Moraes, que desenvolve na Escola de Aplicação o projeto intitulado A História em Cantos, cujo objetivo é estudar a história da República brasileira a partir da análise da produção, distribuição e consumo da música popular, no período de 1930 a 1990. Entre os objetivos específicos desse projeto, consta o de promover a discussão continuada dos aspectos teóricos e metodológicos da utilização do documento musical na prática pedagógica dos professores de História na educação básica.

O projeto previa também a discussão sobre novas linguagens e/ou novas tecnologias no ensino de História - parte importante da formação da licenciatura em qualquer disciplina nos dias atuais, de forma a preparar os graduandos para o uso de múltiplos recursos pedagógicos, tais como música, quadrinhos, *Power point*, CD *Ron*, diários, entre outros. Conforme Maria Auxiliadora Schmidt,

a transposição didática das inovações tecnológicas é, atualmente, uma outra questão fundamental e imprescindível no ensino de História, trazendo conseqüências imediatas e complexas tanto para a formação dos professores como para a prática de sala de aula (SCHMIDT, 2005, p. 63).

Dessa forma, pretendeu-se preparar melhor os graduandos para enfrentar e criar alternativas que revertam a apatia manifestada por muitos alunos do ensino Fundamental e Médio nos dias de hoje pela disciplina História, fruto do que Hobsbawm definiu como “espécie de presente contínuo” que marca a formação dos jovens de hoje, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso, diz Hobsbawm (1996, p. 13), os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca...”. Diante de alunos marcados pelo domínio do “presenteísmo” (JANOTTI, 2005), cada vez mais são comuns perguntas do tipo: “para que estudar história?” ou “para que serve a história?”, o que exige do professor de História aguda percepção da razão de ser de sua disciplina e de sua própria profissão.

Não à toa, as “Orientações curriculares para o ensino médio” começam exatamente com tópico intitulado “Por que História” (BRASIL, 2008, p. 65). Abaixo deste título, epígrafe remete à famosa pergunta do garoto de que fala Marc Bloch na obra Apologia da história ou o ofício de historiador: “Papai, então me explica para que serve a História” (2001, p. 41). Segundo as Orientações curriculares para o ensino médio, responder esta pergunta aos jovens

requer muito mais do que saber falar a eles com clareza, simplicidade e correção sobre o que é a história. Requer oferecer-lhes condições para refletirem criticamente sobre suas experiências de viver a história e para identificarem as relações que essas guardam com experiências históricas de outros sujeitos em tempo, lugares e culturas diversas das suas (BRASIL, 2008, p. 65).

Ciente de que a maioria dos egressos da graduação em História da UFPA entra no mercado de trabalho na condição de professores de História, o projeto Quintas de História e Educação pretendeu contribuir de forma mais efetiva com a formação pedagógica dos graduandos, propiciando oportunidades para o debate das questões peculiares à atividade docente, fundamentalmente no ensino básico, de forma a aproximar ensino e pesquisa. Afinal, levar os graduandos de História à compreensão do sentido do estudo e do ensino da História constitui desafio que requer ações educativas articuladas e permanentes.

AÇÕES REALIZADAS NO PROJETO “QUINTAS DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO”

As atividades do projeto Quintas de História e Educação ocorreram no Laboratório de História da UFPA e no bloco de aulas da graduação, na última quinta-feira de cada mês, no horário das 15 às 18h. Na data marcada, professor/pesquisador previamente convidado apresentava formas de transposição didática de determinados temas historiográficos para a sala de aula. O professor convidado era sempre escolhido em razão da competência no tema a ser discutido e habilidade em demonstrar a aplicação prática do referido tema em sala de aula. Essa característica do projeto logo foi compreendida e abarcada pelos alunos, de modo que, quando ocorria de algum palestrante se desviar para a discussão de questões mais historiográficas, sempre surgia no debate a seguinte questão: “Sim, mas como levar essa discussão para a sala de aula?”.

Entre setembro de 2009 e novembro de 2010, foram realizadas onze sessões, conforme se vê no Quadro 1.

Quadro 1 – Sessões Realizadas no Projeto Quintas de História e Educação

	Tema	Palestrante	Nº de Inscritos
1	A temática indígena na sala de aula	Prof. Dr. Márcio Couto Henrique (UFPA)	47
2	A música nas aulas de História	Prof. Msc. Cleodir Moraes (Escola de Aplicação/UFPA)	45
3	A temática da escravidão nas aulas de História	Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto (UFPA)	44
4	Como escolher um livro didático de História	Profª. Dra. Magda Ricci (UFPA)	26
5	O uso da iconografia nas aulas de História	Prof. Dr. Aldrin Figueiredo (UFPA)	45
6	O uso de mapas nas aulas de História	Prof. Dr. Rafael Chabouleyron (UFPA)	45

Continua...

7	Razões e desrazões para ser ou não ser professor de Ensino Fundamental e Médio	Profs. especialistas Teresa de Souza, Sheila Evangelista e Márcio Cuns (SEDUC)	36
8	A sala de aula e o respeito pela diversidade	Profª. Drª. Wilma B. Coelho (UFPA)	25
9.	Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (Lei n. 10.639/2003)	Profª. Drª. Zélia Amador de Deus (UFPA)	26
10	A relação do professor com alunos com necessidades especiais na sala de aula	Florinda Miranda (Escola Álvares de Azevedo), Ana Mª de Oliveira e Alden Cavalcante (Instituto Felipe Smaldone)	24
11	Estratégias de avaliação em História	Profª Drª Conceição Almeida (Escola de Aplicação/UFPA)	30

Merece atenção o fato de que uma das sessões mais significativas foi a intitulada Razões e Desrazões para Ser Ou Não Ser Professor de Ensino Fundamental e Médio, na qual três professores da rede pública do Ensino Fundamental e Médio de Belém, todos com mais de dez anos de magistério, compartilharam suas experiências com os alunos da graduação em História da UFPA. Na ocasião, além de se divertirem com o tom descontraído dos professores convidados e com suas experiências muitas vezes dramáticas, os alunos presentes puderam ouvir depoimentos sobre questões salariais, número de turmas necessárias para ganhar salário satisfatório, maiores dificuldades enfrentadas na escola, relação com os alunos, condições de trabalho, entre outras questões. No dia seguinte à sessão, aluna da graduação em História da UFPA fez o seguinte comentário:

[...] Esse foi a 3ª melhor sessão do QUINTAS!!!! Não fui lá buscando solução, “luz”, receita ou algo do tipo para saber como ser professora e sim para escutar de quem vive na pele todos os dias essa experiencia única. Sai da sessão querendo seguir em frente!! E mais convicta do futuro que me espera! Ou melhor, da realidade que temos que enfrentar! Sinto mto por

aqueles que ainda vivem essa ilusão! Eu já cai na real! E tô buscando cada vez mais uma formação de qualidade, por conta própria. O projeto QUINTAS é mto importante, pois além de ajudar na formação acadêmica, nos faz refletir sobre aspectos do curso que geralmente só pensaríamos quando formados. Mais uma vez, parabéns pela sessão, foi mtooo boa. E aos professores que participaram da sessão, que se dedicam e amam o que fazem (Sara Suliman, 28 maio 2010).⁴

Conforme indica o depoimento da aluna, a médio e longo prazo, esse contato mais próximo entre graduandos e professores resultará em profissionais mais conscientes dos limites e das possibilidades que marcam a atuação do professor de História. Por outro lado, será fundamental para fazer com que os alunos da graduação se sintam parte do processo de construção do ensino de História e não meros expectadores.

Ouvir relatos de experiências de professores “que vivem na pele” todos os desafios do Ensino Fundamental e Médio pode assustar ou mesmo desanimar alguns alunos da graduação, principalmente os relatos que se referem às condições de trabalho, salário e violência na escola. Mas, à medida que tais relatos são apresentados juntamente com alternativas, com formas de enfrentamento dos problemas, a própria possibilidade de superação serve como estímulo aos futuros professores. Se o espaço profissional da escola não é um “mar de rosas”, tampouco é o “calvário”. No exercício da profissão de professor, múltiplos espaços dialogam entre si e nem todos os professores se acomodam no “muro das lamentações”.

A sessão sobre a temática indígena na sala de aula também foi muito bem avaliada pelos alunos. Apesar dos alunos da graduação em História da UFPA viverem em região conhecida como “terra de índios”, trata-se de aspecto pouco enfocado durante as licenciaturas dessa universidade e, muito embora não seja comum o trabalho de professores de História em escolas indígenas, a temática pode ser importante instrumento para a discussão de questões tais como o respeito pela diversidade ou ainda forma de discussão de outras noções de temporalidade. De todo modo, independentemente do trabalho em escolas indígenas, a lei 11.645 tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas do país, o que reforça ainda mais a importância dessa discussão (BRASIL, 2008).

A importância da construção de noções é algo preconizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de História, os PCN's. Nesse sentido, o projeto Quintas de História e Educação procurou preparar os futuros professores de História para que desenvolvam a habilidade de construir, junto com seus alunos, noções de diferença, semelhança, transformação e permanência. Ao contrário dos métodos tradicionais de ensino que privilegiavam a memorização e a reprodução, defendem os PCN's que

a construção de noções interfere nas estruturas cognitivas do aluno, modificando a maneira como ele compreende os elementos do mundo e as relações que esses elementos estabelecem entre si. Isso significa dizer que quando o estudante apreende uma noção, grande parte do que ele sabe e pensa é reorganizado a partir dela (BRASIL, 1998, p. 35).

Merece destaque também o fato de que ex-alunos da graduação em História, já inseridos no mercado de trabalho, procuraram se inscrever nas sessões do projeto, argumentando que não tiveram acesso a esse tipo de discussão quando eram discentes. É bastante significativo o exemplo de participante que se deslocava todos os meses do município de São Miguel do Pará, distante 108 km de Belém, somente para participar das sessões. Num e-mail recebido pela equipe do projeto, dizia a pretendente:

Acontece que eu já formei em História ano passado, e gostaria de saber a possibilidade de participar desta próxima quinta 29.10, mesmo não sendo aluna. Estou muito interessada, visto que atuo na área docente, e sei da necessidade de estar buscando novas formas de mostrar a história de maneira mais atrativa e interessante aos nossos alunos (Joisiane!, 24 out. 2009).⁵

Mesmo profissionais de outras áreas manifestaram interesse em participar das sessões, como se depreende do e-mail abaixo:

Meu curso é Letras e eu já sou formada. Tenho interesse em participar porque o assunto, pelo título, desperta interesse, curiosidade, além de que eu gosto de estar me reciclando. Caso esse projeto seja destinado somente aos alunos de História, fico no aguardo de uma possível oportunidade. Sucesso! (Norma Farias, 22 out. 2009).

Esse interesse de profissionais de outras áreas é bastante sugestivo, pois serve de indicativo de que os problemas enfrentados na graduação em História, no que diz respeito à licenciatura, são comuns em outras áreas. Por outro lado, merece destaque a preocupação desses professores em se manterem atualizados, essa “necessidade de estar buscando novas formas de mostrar a história de maneira mais atrativa e interessante aos nossos alunos”, conforme argumentou a professora Joisiane, no *e-mail* citado acima. Nesse sentido, vale a pena lembrar a observação feita por Marcelo Badaró de Mattos sobre a reação dos professores contactados para as entrevistas de seus alunos da UFF: “Para os entrevistados, o telefonema dos alunos/entrevistadores soou como uma surpresa, já que muitos achavam que a Universidade não se lembraria mais deles” (MATTOS, 1996, p. 3).

Eis, então, a universidade diante de duplo dilema: os alunos da graduação reclamam não estar sendo formados satisfatoriamente para o desafio da licenciatura, enquanto os que já estão no mercado de trabalho se queixam de que a universidade não lembra mais deles, não lhes propicia oportunidades de se manterem atualizados com os debates acadêmicos. Certamente são indicadores preocupantes, dos quais a universidade não pode simplesmente “lavar as mãos”.

Com relação ao projeto Quintas de História e Educação, houve certa pressão dos alunos para que as vagas fossem ampliadas e as sessões ocorressem em espaço maior. Eram ofertadas 45 vagas e os alunos se inscreviam via *e-mail* específico criado para esse fim. A coordenação do projeto recusou-se a ampliar o número de vagas em função do objetivo inicial de dar funcionalidade ao Laboratório de História, que não comportaria número maior de inscritos.

Muito embora as três bolsas concedidas tenham sido fundamentais para o envolvimento dos alunos nas atividades, o projeto não dispunha de recursos básicos tais como computador, data show e todo o material necessário para o bom funcionamento das sessões era comprado com dinheiro da própria equipe, incluindo papel e cartuchos para impressão dos certificados distribuídos aos participantes.

No início do projeto, divulgou-se a oferta de vagas para alunos de História de outras instituições de nível superior, mas poucos nessa condição participaram das sessões. Partiu-se do princípio de que a interação dos graduandos da UFPA com graduandos de instituições particulares traria benefícios para ambos, na medida em que possibilitaria a troca de experiências, a partir da comparação de suas realidades no que concerne à formação para a Licenciatura.

Depois de 11 sessões realizadas, pode-se dizer que o projeto de extensão Quintas de História e Educação alcançou seus objetivos. Algumas sessões foram filmadas pela equipe da Academia Amazônia,⁶ que pretende disponibilizar as imagens na rede mundial de computadores. No mês de abril de 2010, o projeto foi divulgado no programa Minuto da Universidade, exibido na programação da subsidiária local da Rede Bandeirantes de televisão. Além de atestar o sucesso do projeto, a presença da Academia Amazônia nas sessões gerou nos alunos participantes certo orgulho pelo curso de graduação do qual fazem parte.

Como exemplo maior da sensibilização que o projeto Quintas de História e Educação provocou entre os discentes, ressalte-se que, por ocasião da revisão do projeto político pedagógico da Faculdade de História, no segundo semestre de 2010, os alunos encaminharam ofício com mais de cem assinaturas expondo preocupação com carências na formação dos licenciados e solicitando que o projeto Quintas de História e Educação ou outro que o substituísse, mantendo seus princípios, fosse institucionalizado pela Fahis.

Pretende-se, a partir do encerramento do projeto, pleitear junto à Pró-reitoria de Extensão da UFPA (Proex) a publicação de livro apresentando os textos das palestras proferidas em cada sessão, a fim de ampliar o alcance das discussões realizadas.

Para a equipe que coordenou o projeto, ficou claro que não são necessários grandes custos para realizar atividades que contemplem as justas reivindicações dos alunos e tornem mais satisfatória a formação do professor-historiador. O desafio agora é fazer com que a reformulação do projeto político pedagógico da Faculdade de História da UFPA, ora em curso, contemple atividades permanentes que, assim como o projeto de extensão Quintas de História e Educação, contribuam para a melhor preparação dos alunos para o exercício da licenciatura. Que não apenas na última quinta, mas que todas as aulas sejam de História e Educação.

Notas

¹ Conferir o Perfil do egresso do curso de História (2009).

² Questionário para pesquisa de campo realizada na disciplina Seminários de História e Educação, no 1º semestre de 2009, na graduação em História da UFPA.

- ³ A Escola de Aplicação da UFPA foi fundada em 1963, inicialmente destinada à escolarização dos filhos de funcionários da universidade. Atualmente, oferece ensino infantil, fundamental e médio tanto para filhos de funcionários quanto para alunos das comunidades ao redor da escola. Serve ainda de campo de estágio para alunos dos cursos de licenciatura da UFPA.
- ⁴ Trecho de mensagem recebida pela coordenação do projeto, via e-mail. Mantive a grafia original da mensagem, com a linguagem peculiar muitas vezes utilizada na *internet*.
- ⁵ Mantive a grafia original, muito embora com “erros” na escrita. Convém lembrar ao leitor, entretanto, que esse tipo de “erros” é muito comum na escrita apressada e informal dos *e-mails* e postagens da rede mundial de computadores.
- ⁶ Fundada em 1991, a Academia Amazônia, integrada a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, produz vídeos de qualquer natureza, com ênfase à divulgação científico-cultural. É responsável pela produção do programa “Minuto da Universidade”, que divulga a produção científico-cultural da UFPA na televisão. Em 2008, deixou de ser um projeto, tornando-se Pólo Universitário de Formação e Produção Audiovisual da UFPA.

Referências

- BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Brasília: Ed. do MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Básica, *Orientações curriculares para o Ensino Médio. Ciências Humanas e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11645.htm>. Acesso: 29 jun. 2010.
- HOBSBAWM, E. *Era dos extremos, o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- JANOTTI, M. de L. M. História, política e ensino, in: Circe Bittencourt (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 42-53.
- MATTOS, M. B. Experiências de ex-alunos de História da UFF no magistério de 1º e 2º graus: uma abordagem preliminar. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 151-165, 1996.
- MORAIS, S. P. F. de. Professores de História e contadores de suas histórias: um estudo da prática educacional em escolas públicas e particulares de Belém. In: NEVES, Fernando Arthur de Freitas (Org.). *Faces da História da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2006. p. 259-304.
- O PROFESSOR ALIENÍGENA. *Ampulheta*, Belém, n. 5, ano II, 1997.

PERFIL DO EGRESSO do curso de História. Disponível em: http://www3.ufpa.br/historia/index.php?option=com_content&task=view&id=2&Itemid=95. Acesso: 10 ago. 2009.

SCHMIDT, M. A. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*, 10. São Paulo: Contexto, 2005. p. 54-66.

Abstract: this article discusses the training process of history teachers in Universidade Federal do Pará and presents the experience developed in the expansion project "Thursdays of History and Education", aiming a better training in teaching practice for students, considering the current conception of cohesiveness between teaching and researching.

Key-words: teachers training, history, Universidade Federal do Pará

* Versão inicial desse artigo foi apresentada na conferência de abertura do I Encontro de História e Educação, realizado em Mocajuba, Pará, em 1º de julho de 2010. Fiz alguns acréscimos para essa publicação, considerando as intervenções feitas pelos participantes do encontro em Mocajuba, aos quais agradeço. Registro meu agradecimento a Adnê Rodrigues, Edilson Vasconcelos, Marilene Guerreiro e Paloma Godoy, bolsistas do Projeto Quintas de História e Educação.

** Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, onde atualmente é professor da Faculdade de História e do Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia. *E-mail:* marciocouto@ufpa.br,